

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL - UFMS

CAMPUS DE NOVA ANDRADINA – CPNA

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PEDRO HENRIQUE KLAUSER SIQUEIRA

**O RETORNO À FÉ: HISTÓRIAS DE VIDA DE
EX-ATEÍSTAS**

Nova Andradina – MS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL - UFMS

CAMPUS DE NOVA ANDRADINA – CPNA

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**O RETORNO À FÉ: HISTÓRIAS DE VIDA DE
EX-ATEÍSTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial de nota para obtenção do título de graduado em Licenciatura no Curso de História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina-MS.

Orientador: Dr. Ricardo Oliveira da Silva

Nova Andradina – MS

2023

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à UFMS (CPNA) e a todos/as os/as indivíduos dedicados que trabalham incansavelmente para sustentar a existência, produção e vitalidade dessa instituição, tanto dentro quanto fora do âmbito acadêmico. É com imensa gratidão que reconheço o corpo docente e todos os estudantes do Curso de História, cujas contribuições foram fundamentais para inúmeras discussões e enriquecedoras trocas de conhecimento ao longo da minha jornada acadêmica.

Em especial, quero manifestar meu mais sincero agradecimento ao meu orientador, Ricardo Oliveira da Silva, por seu excepcional empenho durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Sua dedicação e investimento de tempo foram inestimáveis, proporcionando-me valiosas orientações, sugestões e insights. Agradeço também por compartilhar seu vasto repertório de autores e contribuir significativamente para o desenvolvimento integral desta pesquisa. Sua paciência, compreensão e flexibilidade demonstradas ao longo desse tempo são imensamente apreciadas.

Não posso deixar de expressar minha gratidão à minha família, cujo apoio inabalável tem sido um pilar ao longo de toda a minha vida. Seu estímulo constante para que eu me dedicasse aos estudos foi um impulso vital que me proporcionou a buscar o conhecimento com dedicação e empenho.

Que esta expressão de gratidão alcance todos/as aqueles/as que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho e para a minha jornada acadêmica como um todo. A todos/as vocês, o meu mais sincero e caloroso obrigado.

RESUMO

Esta monografia investiga a trajetória de vida de ex-ateístas, buscando compreender os diferentes caminhos individuais na mudança da identidade religiosa no Brasil contemporâneo. A pesquisa é dividida em três capítulos. O primeiro explora a influência da religião na história do Brasil, destacando a aliança Estado-Igreja Católica no período colonial. O segundo aborda o perfil religioso contemporâneo, com mudanças na composição religiosa e a ascensão do ateísmo, ressaltando o fenômeno do trânsito religioso. O terceiro capítulo analisa relatos orais de ex-ateus/ateia, explorando suas trajetórias de formação, transição ao ateísmo e retorno à fé. A pesquisa utiliza a história oral para capturar a subjetividade. Os relatos refletem diversidade de razões para o ateísmo e a fé, enfatizando a complexidade da formação da identidade religiosa e pessoal, bem como o respeito mútuo entre diferentes visões.

Palavras Chaves: Ateísmo, História, Religião no Brasil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: A RELIGIÃO NA HISTÓRIA DO BRASIL	9
1.1 O PERÍODO COLONIAL	9
1.2 O PERÍODO IMPERIAL E REPUBLICANO	11
CAPÍTULO 2: O PERFIL RELIGIOSO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	15
2.1 AS MUDANÇAS NO PERFIL RELIGIOSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA NA ATUALIDADE	15
2.2 O FENÔMENO DO ATEÍSMO E O TRÂNSITO RELIGIOSO	17
CAPÍTULO 3: AS NARRATIVAS ORAIS COM EX-ATEÍSTAS	20
3.1 A FORMAÇÃO RELIGIOSA	20
3.2 DA FÉ AO ATEÍSMO	23
3.3 O RETORNO À FÉ	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS/A	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda histórias de vida de ex-ateístas. O objetivo principal é analisar as mudanças nas identidades de pessoas no âmbito de crença. No caso, a matriz identitária religiosa, a ruptura com esta via ateísmo e os processos de reconstrução de uma identidade religiosa.

Os objetivos específicos levam em consideração o contexto religioso da colonização do Brasil, o regalismo e ultramontanismo no Brasil Império, a situação religiosa na Primeira República e as mudanças no perfil religioso da sociedade brasileira contemporânea.

A pesquisa busca compreender e analisar os relatos pessoais de ex-ateístas como parte do fenômeno do trânsito religioso que vem ganhando força no país nas últimas décadas, onde a religiosidade deixa de ser vista como uma identidade imutável, parte do modo de ser brasileiro, para ser visto como uma opção e escolha pessoal, que pode ser revista ou abandonada.

O conceito de identidade é um tema central para a interpretação dos relatos de ex-ateus e ex-ateia. Fernando Mezdri (2022), em *Trajetórias para a formação da identidade ateísta*, e Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*, apresentam reflexões importantes sobre a formação e mudanças nas identidades individuais e sociais, incluindo a identidade ateísta.

De acordo com Hall (2006), a identidade não é algo dado ou fixo. Ela é formada na interação entre o indivíduo e a sociedade, sendo construída ao longo da vida a partir das relações sociais, culturais e históricas. É um processo de constantes negociações e representações sociais, e está sempre em transformação.

De acordo com Fernando Mezdri (2022), a identidade ateísta é formada a partir da negação da existência de Deus ou dos deuses. Contudo, ele destaca que a identidade ateísta é construída a partir da negação da religião, e por isso muitas vezes é vista como uma identidade negativa. No entanto, ela pode ser vista também como uma afirmação dos valores associados com a busca pela razão, ciência, ética e liberdade. Apesar da perspectiva de afirmação de valores, a identidade ateísta enfrenta desafios decorrentes da negação da religião e dos valores que estão associados a ela. Os/as ateus/ateias muitas vezes se sentem

marginalizados/as e excluídos/as em sociedades religiosas, e podem enfrentar estigmas e preconceitos por parte da sociedade.

A partir das reflexões de Mezdri e Hall, é possível compreender a identidade como um processo construído ao longo da vida em interação com a sociedade, e que está em constante transformação. A identidade ateísta é uma entre as diversas identidades que uma pessoa pode ter no decorrer da vida. Mas, como a identidade é algo dinâmico e passível de mudanças, experiências pessoais e sociais podem influenciar na decisão de indivíduos que construíram uma identificação com o ateísmo a mudar de identidade e voltar a se associar com valores religiosos.

Em termos metodológicos nosso trabalho se ampara na história oral. Segundo Verena Alberti (2005), a história oral é uma metodologia de pesquisa que se concentra em obter informações sobre o passado por meio de entrevistas com pessoas. Uma das principais características da história oral é o reconhecimento da subjetividade dos relatos fornecidos. As narrativas, muitas vezes, são influenciadas pela visão de mundo e pelas emoções dos/as entrevistados/as, e, por isso, é importante que o/a pesquisador/a esteja atento/a a essas questões. Outra característica importante da história oral é o fato de que os/a entrevistados são considerados/a como autores/a da narrativa. Eles/a participam ativamente no processo de construção da história, possibilitando a inclusão de novos pontos de vista e perspectivas que, muitas vezes, não são explorados nas fontes escritas. Porém, é importante destacar que a história oral também apresenta algumas limitações, como a seleção dos/a entrevistados/a, já que nem todos/as têm disponibilidade ou interesse em participar da pesquisa, e a possibilidade de imagens distorcidas ou incompletas dos eventos históricos, devido à subjetividade das narrativas.

Em relação ao material utilizado para o desenvolvimento da monografia, de um lado, houve a utilização de entrevistas como fontes de pesquisa; de outro lado, houve o suporte da bibliografia, onde utilizamos trabalhos como, por exemplo, *História Geral da Civilização Brasileira* (Sérgio Buarque de Holanda), *A Inquisição* (Anita Novinsky), *Ateísmos, descrenças religiosas e secularismo: história, tendências e comportamentos* (Fernando Mezdri, Marcos Vinicius de Freitas Reis e Ricardo Oliveira da Silva), *Reação católica e 'questão religiosa' no Brasil Republicano* (Claudio Marcio Coelho, Edison Romera) e *Religiões em movimento o censo de 2010* (Faustino Teixeira e Renata Menezes)

O trabalho está organizado em três capítulos principais. O primeiro - A religião na história do Brasil - Cita o aspecto religioso da colonização do Brasil (regime do padroado, evangelização e Inquisição), o regalismo e o ultramontanismo no Brasil Império e a situação religiosa com a instituição do Estado laico na Primeira República. O segundo - Discute a religião no Brasil contemporâneo, as mudanças no perfil religioso da sociedade brasileira, a escolha dos/a entrevistados/a sobre sua escolha da fé e apresentar o ateísmo como uma de suas fases. O terceiro, apresenta os relatos orais com ex-ateístas, com o objetivo: 1) formação religiosa ou secular; 2) da fé ao ateísmo; 3) o sentido de ser ateu; 4) do ateísmo à fé.

CAPÍTULO 1: A RELIGIÃO NA HISTÓRIA DO BRASIL

1.1 O PERÍODO COLONIAL

No período colonial do Brasil, a religião desempenhou um papel central na formação da sociedade brasileira. A presença marcante da Igreja Católica, instituição oficial do Estado, contribuiu para a disseminação da fé católica entre a população. Os rituais, festas e crenças religiosas passaram a fazer parte do cotidiano dos/as colonos/as, influenciando suas práticas e valores.

Uma das características preponderantes na sociedade brasileira é a religiosidade cristã. Um elemento identitário cujas raízes podem ser mapeadas no passado colonial do país. De acordo com Américo Jacobina Lacombe (2003), os navegadores portugueses que chegaram no atual território brasileiro no início da Idade Moderna pertenciam a um reino politicamente organizado com o suporte de uma aliança entre Estado e Igreja Católica que contribuiu na construção de uma identidade onde ser português/a significava ser católico/a. O próprio poder político era entendido sob um viés religioso. Dada esta noção, a pessoa não católica era vista como um inimigo potencial, um desafio ao poder do rei.

A aliança entre a Coroa Portuguesa e Igreja Católica se cristalizou por meio do regime do Padroado. Segundo Eduardo Hoornaert (1983), o padroado conferiu à Coroa portuguesa o direito de arrecadar e distribuir os dízimos devidos à Igreja e indicar os ocupantes dos cargos eclesiásticos. Em troca, o Rei era responsável por construir igrejas, dar suporte material para a sustentação dos clérigos, fosse na metrópole ou nas colônias, e trabalhava na expansão da fé católica.

A colonização do Brasil a partir do início do século XVI ocorreu mediante a parceria entre Estado português e Igreja Católica por meio do regime do Padroado. A Igreja Católica atuou decisivamente no Brasil colonial para garantir o predomínio do catolicismo na população e combater qualquer tipo de credo religioso concorrente.

Na missão evangelizadora da Igreja Católica no Brasil colonial teve destaque a Companhia de Jesus, uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da

Universidade de Paris, liderados pelo basco conhecido posteriormente como Santo Inácio de Loyola. No Brasil:

A obra da Companhia de Jesus compreendeu dois setores principais. No terreno das missões, pela fundação das aldeias indígenas. Na educação, pelo estabelecimento de colégios, que constituíram a base de toda a cultura colonial. Por defender a população indígena, os jesuítas tiveram que chocar-se em vários pontos com os interesses dos colonos. Daí a origem da maior parte dos conflitos que vão servir de pretexto para a perseguição, as expulsões locais, por parte dos colonos, e, finalmente, a crise do século XVIII. (LACOMBE, 2003, p. 83).

Os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549 sob a liderança de Manoel de Nóbrega (1517-1570) e iniciaram sua missão evangelística estabelecendo uma academia em Salvador, Bahia. Cinquenta anos depois, abriram escolas no litoral, de Santa Catarina ao Ceará. Eles trabalharam principalmente na evangelização e educação sob a proteção do estado português até serem expulsos da colônia em meados do século XVIII devido às políticas do Marquês de Pombal (1699-1782).

Segundo Américo Jacobina Lacombe (2003), o enviado português Marquês de Pombal, em consonância com o racional e laico iluminismo europeu do século XVIII, pretendia enfraquecer a influência da Igreja Católica e subordinar a instituição ao poder estatal. O controle da educação e a submissão direta de parcelas da população aos ideais da evangelização jesuítica era visto como uma ameaça pelos governantes.

Os planos coloniais de Portugal para expandir a fé católica no Brasil também foram auxiliados por agências para reprimir súditos/as que questionavam ou desrespeitavam os costumes e ideias católicas ortodoxas. O destaque aqui é a Inquisição, também conhecida como Tribunal do Santo Ofício, instituição da Igreja Católica que perseguiu, julgou e puniu os/as acusados/as de heresia. Segundo Anita Novinsky (1985), a Inquisição foi instituída em Portugal em 1536 durante o reinado de D. João III (rei de Portugal e Algarves de 1521 a 1557), e foi endossada pelo Papa Paulo III, chefe da Igreja Católica e governante dos Estados papais (de 1534 até sua morte em 1549). A Inquisição portuguesa cobria todos os territórios do Império Ultramarino português.

A Inquisição foi concebida para reprimir os indivíduos e grupos considerados hereges, ou seja, todos/as aqueles/as que não se conformaram com os pontos de vista da religião

católica. Os/as suspeitos/as foram presos/as após protestos públicos e tiveram que provar sua inocência, muitas vezes torturados/as durante as investigações dos promotores.

No contexto geral da pena aplicável, o confisco é uma das armas mais terríveis contra a heresia. Tratava-se de uma dupla jurisdição: a do juiz fiscal que executou o sequestro e executou a pena e a do investigador que ordenou a prisão e condenou o processo.

Inicialmente, o Brasil serviu como refúgio para os/as perseguidos/as pela Inquisição, principalmente para judeus/ias convertidos/as ao catolicismo e seus/uas descendentes, conhecidos/as como cristãos/ãs-novos/as. Apesar disso, a Inquisição também marcou presença na colônia portuguesa da América. A primeira visita da Inquisição ocorreu entre 1595 e 1598 passando pela Paraíba, Pernambuco e Bahia. Os inquisidores tinham o poder de prender e julgar casos que pudessem considerar como crime. O seu objetivo era corresponder à falta de um tribunal permanente na região e reprimir possíveis práticas religiosas que não fossem católicas, com a qual aquela população vivia antes de sua chegada (NOVINSKY, 1985).

A partir do regime do padroado e da atuação da Inquisição o que se constata é que a formação da sociedade colonial brasileira se deu sob a égide da imposição de uma crença específica: o catolicismo. Não houve, naquele contexto, circunstâncias que permitissem que as pessoas se identificassem com uma crença religiosa de acordo com experiências pessoais de vida.

1.2 O PERÍODO IMPERIAL E REPUBLICANO

Em 1822, o Brasil foi libertado politicamente de Portugal e tornou-se um Império, governado por 67 anos pelos herdeiros da família real portuguesa de Bragança. Esse não é o único traço de continuidade associado ao passado colonial do Brasil. O patrocínio e a tradição do intervencionismo monárquico por parte dos poderes seculares na esfera eclesiástica também continuaram.

A Constituição Imperial de 25 de março de 1824 reconheceu a Igreja Católica como religião do Estado com base nas premissas do regalismo, ou seja, a subordinação das decisões da Igreja aos interesses do Estado. No Capítulo 2 do Título V da Constituição que trata do “Poder Executivo”, o Artigo 102 afirma que “O Imperador é o chefe do Poder Executivo e o

exerce por meio de seus Ministros de Estado”, sendo esta uma de suas principais atribuições, ou seja:

§II. Nomear Bispos, e prover os Benefícios Eclesiásticos.

§XIV. Conceder, ou negar o Beneplácito aos Decretos dos Concílios, e Letras Apostólicas, e quaisquer outras Constituições Eclesiásticas que se não opuserem à Constituição; e precedendo aprovação da Assembleia, se contiverem disposição geral (BRASIL, 1824, p. 21-22).

Desta forma, o que era uma prerrogativa proveniente da Fé Apostólica, o direito de nomear bispos e os benefícios eclesiásticos, mudou para um direito constitucional do Poder Executivo. No Império brasileiro o regalismo foi justificado como ato de aclamação popular que cedeu a soberania ao Imperador via Constituição. Sendo assim, o poder religioso do soberano não dependia de uma concessão da Igreja ou do Papa.

A Constituição de 1824 estabeleceu, por outro lado, o direito de culto privado para as religiões não-católicas, proibindo formas públicas de expressão de fé (construção de sinagogas ou mesquitas, por exemplo). Esse tipo de medida criava embaraços para que a religião pudesse ser vista apenas como assunto de âmbito privado e alimentando o princípio de “um Estado, uma fé” (SANTIROCCHI, 2013).

Como reação ao regalismo do Império brasileiro houve o ultramontanismo¹ da Igreja Católica. O ultramontanismo representou uma resposta do papado ao declínio de sua influência religiosa, social e política em um mundo cada vez mais marcado por ideias liberais e iluministas que defendiam o fim de uma religião oficial de Estado e a atuação das instituições religiosas restritas ao âmbito clerical. Para isso, os ultramontanos realizaram reformas administrativas e de cunho teológico que reforçaram o poder do Papa em Roma. Exemplos disso foram as orientações do Papa Pio IX contidas na Quanta Cura, Syllabus que criticava as ideias liberais e iluministas e o Concílio Vaticano I de 1870 que estabeleceu o dogma da infalibilidade papal (SANTIROCCHI, 2013).

No decorrer do século XIX, os eclesiásticos ou leigos católicos opositores do liberalismo e do regalismo no Brasil, se identificaram ao ideal ultramontano expresso em plena adesão à ortodoxia e fidelidade ao Papa. Foram eles os agentes da implementação da

¹ O termo "ultramontanismo" significa "além das montanhas" em latim, referindo-se aos papas eleitos no período medieval além dos Alpes, na Itália. No século passou a se referir aos defensores do papado em Roma.

reforma eclesiástica na Igreja Católica brasileira que buscou alinhar a instituição às determinações papais e que se opôs à interferência do Estado brasileiro expresso pelo regalismo (SANTIROCCHI, 2013).

Ralph Della Cava (1970) ressalta os mecanismos utilizados para adequar as práticas e crenças religiosas locais à ortodoxia católica, enfatizando a disciplina do clero, como, por exemplo, o combate ao seu envolvimento em política partidária com os potentados locais, com o comércio e os padres concubinários. Em sua análise, Della Cava vê o movimento de reforma ultramontanismo como a europeização da cultura religiosa brasileira, que busca eliminar as características nacionais e populares do catolicismo, inclusive a indisciplina sacerdotal. Nessa conjuntura, a tensão entre Estado e Igreja no Brasil se expressou na “questão religiosa”, quando bispos foram presos no início da década de 1870 por seguirem orientações do Vaticano desaprovadas pelo Império, quais sejam, impedir a participação de maçons em atividades da Igreja Católica.

As relações entre Estado e religião na história do Brasil, com suas implicações na vida das pessoas, mudaram com a instituição do regime republicano em 1889. Embalado pelos ideais de progresso, o governo provisório da República determinou em 7 de janeiro de 1890, com o Decreto 119-A, o fim do padroado e o estabelecimento da liberdade de culto no Brasil. O Estado republicano brasileiro assumiu a forma laica. Para Maurício de Aquino (2012) o laicismo da nascente República não foi antirreligioso. Ele pode ser chamado de “laicidade pragmática” a qual possibilitou o reconhecimento social e jurídico das diversas crenças religiosas no território nacional, ao mesmo tempo em que facilita a atuação dos detentores do poder em casos excepcionais junto a instituições eclesiásticas.

Apesar das mudanças terem permitido autonomia para a Igreja Católica resolver suas questões internas, a instituição não aceitou a perda do status de religião oficial, somada a possível perda de influência na sociedade brasileira. Como resposta, a Igreja tomou uma série de medidas que ganharam força na década de 1920 e ficou conhecida como “restauração católica” ou “neocristandade”.

A Reação Católica no Brasil das primeiras décadas do século XX representou uma tentativa de se adaptar à realidade de um país de Estado laico procurando recuperar uma posição de prestígio que ocupava quando era religião oficial. Nesse sentido, a Igreja investiu suas forças em diversas áreas: espaços políticos, educacionais e culturais. A principal

liderança católica dessa época, Dom Sebastião Leme (1882-1942), formou um núcleo católico (eclesiástico e leigo) que atuou estrategicamente em diferentes áreas de vida social com o intuito de “recatolizar” o poder secular no Brasil (COELHO, ROMERO, 2016).

D. Sebastião Leme não apenas quis catequizar o espaço político, mas justificou essa meta a partir da ideia do conflito de viés maniqueísta, ou seja, o bem representado pela Igreja versus o anticatólico, os "inimigos" da nação brasileira. No início de 1920 a Igreja católica concentrou-se na defesa do catolicismo como religião universal e nas críticas ao protestantismo e ao espiritismo. No final dessa década intensificaram-se os ataques ao comunismo.

Um momento importante dessa ofensiva da neocristandade foi a inauguração do monumento ao Cristo Redentor, em 12 de outubro de 1931. Ao final de seu discurso sobre essa inauguração, D. Leme alertou que o Estado reconhecia o Deus do povo, ou o povo não reconhecia o Estado. Uma ideia acoplada nesse discurso é que o Brasil era uma nação católica. Uma realidade que o Estado deveria reconhecer e, por isso, prestigiar a instituição. Mas também o entendimento de que o catolicismo era um elemento da identidade nacional e que, conseqüentemente, ser brasileiro/brasileira significava ser católico/católica. (COELHO, ROMERO, 2016).

CAPÍTULO 2: O PERFIL RELIGIOSO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

2.1 AS MUDANÇAS NO PERFIL RELIGIOSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA NA ATUALIDADE

Nas últimas décadas os esforços institucionais da Igreja Católica para garantir uma posição hegemônica na sociedade brasileira em termos de influência religiosa, social e política, enfrentam os desafios do declínio do catolicismo como religião da população do país, somado ao crescimento das denominações evangélicas e daqueles e daquelas que se consideram “sem religião”.

Nos últimos dois Censos do IBGE, de 2000 e 2010, o percentual da população católica foi de 73,8% a 64,63%. De acordo com Marcelo Ayres Camurça (2013), um dos motivos pelo qual houve um decréscimo católico é a sua grande dificuldade de acompanhar as migrações internas que revolvem o Brasil contemporâneo. Onde os/as católicos/as diminuíram e os/as pentecostais e sem religião mais cresceram, são as regiões das periferias metropolitanas e as fronteiras de ocupação sem presença institucional católica. Na avaliação de Gracino Júnior (2012), no Brasil, as áreas de povoamento mais antigos e áreas com baixa dinâmica populacional é onde predomina o catolicismo. Regiões do Norte do Rio Grande do Sul, do sul de Santa Catarina, o interior do Nordeste e o interior de Minas Gerais, parecem ser mais resistentes à infiltração de grupos pentecostais e, portanto, constituem importantes trincheiras da resistência católica.

Conforme o IBGE, os/as evangélicos/as tiveram um grande aumento de fiéis de 26 milhões em 2000 para 42,2 milhões em 2010. Isso significou um aumento de 16 milhões. Eles/as cresceram em todas as regiões do Brasil, com projeção em regiões onde a Igreja Católica não alcança, esses locais são zonas periféricas metropolitanas, nas fronteiras agrícolas e mineral. A maior concentração de evangélicos/as se encontra nas regiões norte e centro-oeste do Brasil (CAMURÇA, 2013).

A expansão das religiões evangélicas pode ser explicada, entre outros motivos, devido à criatividade dos rituais oferecidos pelas igrejas, atraindo mais itinerantes do que crentes, trata-se menos de socialização e mais de resolução de problemas. Deste modo, apesar de sua marca tradicional, o fato de ter grande diversidade começa a proporcionar uma maior

flexibilidade de comportamento entre as igrejas mais conservadoras e outras igrejas que seus/uas novos/as adeptos/as percebem como uma ruptura com a primeira, por ser mais moderna e mais livre, pela forma de se expressar. Na nova tendência, há múltiplas opções de pertencimento, experimentação e competição dentre elas (CAMURÇA, 2013).

Outro aspecto a destacar sobre o atual perfil religioso da população brasileira é que, no censo do IBGE de 2010 o número de pessoas sem religião ficou registrado em 15,3 milhões de pessoas declarando não ter religião. Esse montante equivale a 8% da população brasileira, esse percentual tem crescido a cada década se comparado com os dados dos censos anteriores. No caso, foi de 0,5% em 1960, 1,6% em 1980, 4,8% em 1991 e 7,3% em 2000 (CAMURÇA, 2013). De acordo com Gracino Júnior:

Pesquisadores têm demonstrado que sob tal alcunha não estão somente os irreligiosos – ateus ou agnósticos –, mas toda uma gama de indivíduos, que compreende desde os ateus e agnósticos até pessoas que creem em uma divindade, mas não se identificam com uma instituição religiosa (GRACINO JÚNIOR, 2012, p. 1156).

O crescimento do segmento sem-religião aparenta uma dinâmica geográfica semelhante à verificada entre os/as evangélicos/as, ou seja, atuante nas regiões da migração interna do Brasil, logo, as periferias das metrópoles e as fronteiras de ocupação do norte e centro-oeste. Grandes números nas cidades do Rio de Janeiro (com o maior percentual, de 16% conforme o IBGE 2012), Salvador, Recife e São Luís. Os sem-religião também estão nas zonas de fronteiras agrícolas e minerais, principalmente nos Estados da Amazônia, Pará, Mato Grosso e Goiás (CAMURÇA, 2013).

Esse grupo é identificado de pessoas não religiosas, é constituído de como jovem moderno, urbano, de classe média ou em ascensão, mas também pessoas pobres em zonas de migração e nas grandes cidades do litoral, região Norte e Centro-Oeste. São indivíduos sem vínculos orgânicos com as instituições religiosas, mas que podem vivenciar diferentes experiências religiosas, ocasionalmente em igrejas, para atender demandas individuais de espiritualidade e fé. Para Camurça (2013), as grandes dificuldades socioeconômicas de fixação em áreas urbanas ou fronteiriças para indivíduos que cuidam prioritariamente das coisas do mundo em sua volta, o que é um ponto de autossuficiência humana, e uma

sociedade marcada pelo individualismo e a multiplicidade de fontes de informação, ajudam a explicar o fenômeno do aumento dos/as sem-religião no país.

2.2 O FENÔMENO DO ATEÍSMO E O TRÂNSITO RELIGIOSO

O conceito de ateísmo foi desenvolvido no contexto das civilizações ocidentais (inicialmente em um cenário politeísta; posteriormente, em um cenário monoteísta). A palavra "ateísmo" possui origem etimológica no termo grego *atheos*, onde o "a" significa "ausência" ou "negação" e "theos" significa "Deuses/Deus". Segundo Michael Martin (2010), a partir desta perspectiva, um/a ateu/ia seria alguém que não acredita em Deus (ideia de ausência); não necessariamente alguém que acredita que Deus não existe (ideia de negação). No entanto, o sentido mais usual para o termo em nossa época é referente a ideia de que Deus não existe.

Na leitura de Julian Baggini (2016), outra ideia que se tem sobre ateísmo é que ele se refere às pessoas que seriam fisicalistas ou materialistas, ou seja, pessoas que acreditariam apenas na existência de objetos materiais. Para o filósofo inglês, muito do entendimento do ateísmo contemporâneo decorre não da reivindicação específica do fisicalismo (única realidade existente é a matéria física), mas da reivindicação mais ampla do naturalismo, onde o mundo natural é visto como o ambiente natural da consciência, emoção e beleza, não apenas átomos e forças físicas fundamentais.

Julian Baggini (2016) ainda frisa que a rejeição da crença em Deus costuma ser acompanhada por uma rejeição mais ampla de toda e qualquer realidade sobrenatural ou transcendente, como almas imortais, vida após a morte ou fantasmas. Mas o ateísmo não seria inerentemente negativo em nenhum desses sentidos. Os/as ateus/ias podem ser apenas indiferentes e não hostis às crenças religiosas. Muitos se veem como realistas, simplesmente dispostos a encarar uma existência única e irrepetível neste mundo, com todos os seus desafios, sem a crença em vida após a morte ou forças benevolentes que nos protegem.

Em relação ao Brasil, com o declínio do catolicismo a partir do final do século XX, acompanhado pelo rápido crescimento dos/as evangélicos/as e um grande aumento da população sem religião, pessoas identificadas como ateias também começaram a ser

mapeadas no país. O Censo do IBGE de 2010 dividiu pela primeira vez a categoria sem religião em ateus/ias, agnósticos/as² e sem religião, que demonstrou que dos 15,3 milhões de brasileiros/as que se diziam “sem religião” (8% da população brasileira), 615 mil se consideravam ateus/ias e 124 mil se declaravam agnósticos/as (SILVA, 2020).

Nas décadas iniciais do século XXI, a internet vem se tornando o meio de comunicação privilegiado para dar visibilidade aos ateus e ateias no Brasil:

Websites, páginas virtuais, blogs e fóruns online têm sido usados pelos ateus para partilhar preocupações como construir identidades. Construção de identidade como afastamento da institucionalidade é da eclesialidade religiosa estimulada pela Liberdade e pluralismo em curso no Brasil. Resultado no desenvolvimento de um concretismo ateu no Brasil (SILVA, 2020, p. 177).

Acoplado à visibilidade de ateus e ateias foi o florescimento do ativismo ateu no Brasil. Exemplo disso são três associações surgidas no passado recente: Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA³), criada em 2008 por Alfredo Spínola, Maurício Palazzuoli e Daniel Sottomaior; Liga Humanista Secular do Brasil (LiHS⁴), fundada em 2010; Associação Ateísta do Planalto Central (APCE⁵), fundada em 2013, presidida por Glória Amâncio da Silva. Atea e LiHS, têm seu próprio site. Os membros da APCE usam endereços virtuais (SILVA, 2020).

Conforme Ricardo Oliveira da Silva (2020), além da criação de associações como a ATEA, LiHS e a APCE, o ativismo ateu brasileiro nas duas primeiras décadas do século XXI também se desenvolveu por meio de eventos e seminários. Entre 2012 e 2016 ocorreu o chamado Encontro Nacional dos Ateus (ENA). O evento debateu o preconceito contra os ateus e procurava incentivá-los a “saírem do armário” e mostrar à sociedade que os ateus e ateias são bons pais, mães e bons filhos e filhas, e pessoas com senso ético e moral.

² O agnosticismo é uma posição filosófica e epistemológica que se caracteriza pela ideia de que a existência de Deus ou de divindades é desconhecida ou intrinsecamente impossível de ser conhecida de forma definitiva e absoluta.

³ Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) é uma organização brasileira sem fins lucrativos que representava ateus e agnósticos no Brasil. A ATEA tem como objetivo promover o secularismo, a liberdade de pensamento, e a separação entre Igreja e Estado no país. Ela busca defender os direitos e interesses dos ateus e agnósticos, bem como promover a discussão pública sobre questões relacionadas à descrença religiosa.

⁴ Liga Humanista Secular do Brasil é uma organização brasileira criada para reunir "céticos, agnósticos, ateus, livres-pensadores e secularistas em torno de valores epistêmicos e éticos

⁵ Associação Ateísta do Planalto Central, tem como objetivo principal promover o ateísmo, a secularidade e a liberdade de pensamento na região, além de defender a separação entre igreja e Estado. Ela busca criar um espaço para ateus e pessoas secularistas se reunirem, discutirem suas perspectivas e trabalharem juntas em questões relacionadas à laicidade e aos direitos dos não religiosos.

O surgimento e/ou maior visibilidade de ateus e ateias no Brasil se insere no panorama do fenômeno do trânsito religioso. Para Ronaldo de Almeida e Paula Monteiro (2001), com a globalização e a facilidade de acesso à informação, é comum encontrarmos pessoas que transitam entre diferentes crenças e religiões ao longo da vida. Esse movimento pode ser motivado por diversos fatores, como a busca por respostas para questionamentos pessoais, a curiosidade em relação a outras religiões e culturas, ou mesmo por influência de amigos/as e familiares. Algumas pessoas enxergam o trânsito religioso como uma forma de enriquecer sua espiritualidade, realizando uma busca por aquilo com que mais se identificam ou como uma forma de busca de alguma cura. Já para outras, essa transição pode ser resultado de um processo de descrença em sua antiga religião ou de descontentamento com alguns de seus dogmas e práticas.

No cenário do trânsito religioso, pessoas com uma origem religiosa particular encontram condições favoráveis não apenas para mudar de religião, ou compartilhar ao mesmo tempo elementos específicos de diferentes formas de religiosidade, como romper com uma visão de mundo religiosa e passarem a se identificar como ateias. Mas igualmente podem deixar de lado o ateísmo e voltarem a comungar uma religiosidade, são os/as chamados/as ex-ateus e ex-ateias.

Seguindo a linha de pensamento do Ronaldo de Almeida e da Paula Monteiro (2001), o trânsito religioso pode ser melhor percebido nas trajetórias individuais, e não em instituições. As mudanças na religiosidade se cristalizam e se tornam mais nítidas na trajetória de um indivíduo, e o acúmulo de experiência proporcionado pela trajetória individual torna o repertório religioso possível de ser melhor analisado do que aquele pregado pela instituição a qual ingressou em algum momento de sua vida.

CAPÍTULO 3: AS NARRATIVAS ORAIS COM EX-ATEÍSTAS

Neste terceiro capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso buscamos ter a atenção na apresentação e análise das entrevistas que foram feitas durante o ano de 2023. A elaboração do questionário que deu suporte para o diálogo com os entrevistados e a entrevistada, teve como propósito compreender o processo e o sentido do trânsito religioso na vida de pessoas que durante um certo momento de suas vidas romperam com uma fé religiosa, com a consequente adoção de uma identidade ateísta, mas que acabaram por retomar os vínculos com uma experiência religiosa.

Em vista dos objetivos elencados no parágrafo anterior optamos por dividir a exposição do conteúdo das entrevistas neste capítulo em três tópicos: no primeiro, abordar as explicações dos entrevistados e entrevistada sobre como foi a sua formação religiosa, como a família influenciou na questão religiosa; no segundo, da fé ao ateísmo, como foi este momento, que motivos os/as levaram a se tornarem ateístas, e de que forma isso impactou nas relações familiares e sociais; por fim, os motivos de retornarem a ter uma crença religiosa e como avaliam hoje o sentido de ser ateísta.

3.1 A FORMAÇÃO RELIGIOSA

O primeiro tema que destacamos neste capítulo são os relatos sobre a formação religiosa vivenciada pelos entrevistados e entrevistada. O que encontramos nos depoimentos fornecidos é que a ampla maioria teve uma formação religiosa no seio familiar, com uma única exceção. No caso, trata-se de Paulo Gustavo Pellegrino Correa, de 44 anos, dizendo que a sua família é ateia: “Então, eu venho, né, de uma de uma família ateia né, de uma cultura ateia, então, a minha mãe não era exatamente ateia, mas, acabou de alguma forma nunca processando nada e meu pai é ateu bastante convicto” (CORREA, 2023).

Já Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade, 31 anos, respondeu: “[...] assim meu pai e minha mãe na época eles eram evangélicos” (TRINDADE, 2023). Os demais entrevistados relataram um vínculo de infância com o catolicismo. Vinícius Gabriel Lorenzi, 22 anos, por exemplo, definiu sua formação religiosa como: “Ah, desde pequeno, minha criação era católica” (LORENZI, 2023). Gabriel Filipe Brasileiro Costa, 26 anos, apresentou sua

formação religiosa como: “[...] fui criado sobre a influência da minha mãe nesse sentido ela me levava para igreja desde criança” (COSTA, 2023). Por fim, Fábio da Silva Sousa, 42 anos, indagou que sua formação foi: “Ah, então minha família é católica, mas não era católica praticante” (SOUSA, 2023).

Deste modo, temos a concepção de que a maioria dos entrevistados e entrevistada teve uma experiência orgânica dentro de uma igreja cristã. Entretanto, notamos que alguns entrevistados não conseguiram se envolver e se adequar com o pensamento e a prática da comunidade religiosa de suas famílias. Paulo Gustavo Pellegrino Correa nascido e criado em São Paulo capital, relata esse sentimento de desconexão com o ambiente religioso das escolas que frequentou na infância:

Eu vim de uma casa em que a gente estudou em escola religiosa, às vezes municipal, mas não por uma questão da religião, mas por que a escola era boa, né, tanto é que eu estudei inicialmente numa escola católica aí depois fui para a escola do estado mesmo e tal, aí depois, mais tarde eu fui para uma escola Batista, mas era sempre porque era uma escola tipo a PUC, né. Então não tinha a ver mesmo com a religião e aquilo, na verdade nem afetava muito, eu acabei crescendo né nesse meio. A religião era processada em casa por fim do ateísmo mesmo. (CORREA, 2023).

Essa sensação de desajuste em relação ao espaço da instituição religiosa pode ser observada nas falas de outros entrevistados. Ela está presente, por exemplo, na fala do Fábio da Silva Sousa:

Minha família é católica, mas não era católica praticante, inclusive quando eu nasci eu ia ser batizado, mas teve um problema, um problema assim com meu pai e eu nem lembro como foi assim o problema, algumas tensões assim e ele ficou puto e decidiu que ele não iria obrigar ninguém a ser batizado e que nós só iríamos ser batizados a partir do momento em que a gente quisesse. Então, nesse caso eu não sou batizado, eu tenho 42 anos e eu já cogitei algumas vezes o batismo, só que aí tem que fazer um monte de coisa como curso, isso aquilo eu acabei deixando de lado. Na origem familiar era isso, temente a Deus religioso. Eles eram católicos, mas não seguiam seus parâmetros religiosos institucionais (SOUSA, 2023).

Já, Gabriel Filipe Brasileiro Costa, atualmente residente em Fortaleza - CE, teve um vínculo mais orgânico com a instituição religiosa, sob influência da mãe:

Cara, eu nasci numa família que eu posso dizer que é religiosa, né, apesar do meu pai ele não ser uma pessoa muito religiosa, ele ser uma pessoa que se diz e acredita em Deus mas não pratica a religião em sentido de se comprometer a ir na igreja de orar e etc, e ter a crença no sentido nominal, né. Já a minha mãe não, minha mãe

sempre foi comprometida todos os domingos em ir para dentro da igreja e coisas do tipo. Então, eu fui criado sobre a influência da minha mãe nesse sentido ela me levava para igreja desde criança me estimulava ler a Bíblia então vamos dizer assim que eu tive uma educação religiosa eu não diria que foi uma educação radical fundamentalista, mas foi o sentido de ser levada a me comprometer com aquilo desde criança (COSTA, 2023).

Neste sentido, temos a informação que na trajetória de vida de Gabriel Filipe sua mãe sempre se fez presente na religião, e o levou consigo. Ele ainda cita melhor as suas idas à igreja, dando a entender o comprometimento de sua mãe com a crença religiosa:

[...] desde criança fui levado à igreja e etc, então eu acredito que isso influenciou, né, acho que todo mundo tem aquele período em que se você é educado na igreja, você se torna um adepto aquela religião [...] era a igreja Presbiteriana Do Brasil, sediada aqui em Fortaleza né, acho que é uma das maiores igrejas que tem aqui por sinal [...] ela é bastante relevante na minha cidade (COSTA, 2023).

Podemos observar opinião similar no relato de Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade, uma entrevistada que hoje reside no Cairo - Egito:

[...] eu cresci numa família que meu pai e minha mãe são evangélicos, meu pai é adventista da Igreja Adventista da Promessa, é um tipo de adventista só que é um pouco diferente é uma adventista pentecostal, porque tem o adventista que ele é mais tradicionalista, que ele não aceita o pitoresco [...] sempre estudei em escolas católicas porque as minhas avós me botavam, então eu estudei escolas muito tradicionais de Manaus [...] estudei várias escolas salesianas, são correntes do cristianismo, é uma corrente do cristianismo (TRINDADE, 2023).

Vinícius Gabriel Lorenzi, que atualmente mora em Nova Andradina – MS, também relatou que na infância e adolescência comparecer na igreja era parte do cotidiano da família e ele participava:

[...] desde pequeno, minha criação era católica, não praticante. Fui batizado mas, eu não fiz nenhuma eucaristia ou crisma. Meu pai era católico, a gente ia na igreja católica como família. Mas, minha mãe era evangélica, então, como meu pai viajava trabalhando, ela me levava, como não tinha onde me deixar, ela me levava na igreja evangélica [...]. Meu pai nunca ia à igreja por causa que não tinha tempo, mas quando morava em Paranavaí, pelo menos uma vez no mês a gente ia à missa, então, a gente sempre ia na igreja católica [...] Mas, eu frequentava a igreja evangélica até na adolescência (LORENZI, 2023).

O que podemos concluir a partir dos relatos que obtivemos é que nossos/a entrevistados/a, com exceção de um único caso, nasceram em famílias que comungavam de crenças religiosas cristãs. Algumas das famílias dos/a entrevistados/a tinham um vínculo mais orgânico com igrejas, e outras não. Uma parte dos/a entrevistados/a, em sua fase inicial de vida, foram levados/a pelos/a familiares para as atividades da igreja, sendo que em apenas em um caso houve um desconforto com essa prática, sendo que outros não indicaram algum tipo de incômodo com a vida na igreja.

3.2 DA FÉ AO ATEÍSMO

Ao tratar das experiências que levaram os/a entrevistados/a a se tornarem ateístas, a maioria dos/a entrevistados/a afirmou que chegaram ao ateísmo mediante dúvidas e questionamentos sobre a fé, até o ponto de rompimento com a religião. Isso aparece na maioria das entrevistas. Contudo, é importante ressaltar que um dos entrevistados afirmou não ter tido uma formação religiosa familiar específica. Paulo Gustavo Pellegrino Correa disse que “Eu não tinha uma definição. Eu sabia que não era católico, eu sabia que eu não era protestante, eu sabia que eu também não era espírita. Mas, eu acho que tinha alguma crença, principalmente no espiritismo (CORREA, 2023). Ele nos conta a sua história de como ocorreu a quebra com a crença religiosa:

Quando eu era novo meus amigos frequentavam a igreja local e de alguma forma eu tentei até frequentar, a ir tal. Mas, meus pais não iam, e aí era mais de ordem social mesmo, mais para socializar nas escolas. Eu só fazia o que era das escolas confessionais que eu estive, eu só fazia o que era obrigado, mas aquilo ali não me fazia assim, era sem sentido. Com isso, que eu fui definir ser ateu, acho que quando eu tinha 19 anos (CORREA, 2023).

Vinícius Gabriel Lorenzi nos relatou sua experiência na adolescência ao questionar a existência de Deus. Ele conta que, aos 14 anos, teve um amigo ateu que apresentou seus motivos para não acreditar em uma divindade. Ele afirma que, naquela época, ele não encontrava na Bíblia respostas sobre evolução, questões de gênero, o papel da mulher e do homem na sua religião, a ideia de um Criador que tenha sido capaz de criar tudo em apenas sete dias, considerando que tudo no universo é perfeitamente harmonioso. Somou-se a isso sua inconformidade com as atividades religiosas na igreja: "Então, foi um momento que para

mim tanto faz, meus pais já sabiam que eu não gostava do culto, porque desde pequeno eu matava o culto para ver Naruto, ir para o shopping e comer McDonald's" (LORENZI, 2023).

Situações semelhantes foram relatadas por Gabriel Filipe Brasileiro Costa, o qual revelou o desinteresse de frequentar a igreja e apresentou dúvidas sobre os preceitos religiosos. Aos 18 anos, ele começa a ter questionamentos sobre a fé e se tornou, de forma involuntária e depois consciente, agnóstico e posteriormente ateu. Em sua reflexão pessoal, ele afirma que chegou à conclusão de que Deus não existia e que a ciência era capaz de explicar tudo (COSTA, 2023).

Fábio da Silva Sousa descreveu sua experiência de ruptura com a fé com o ingresso no movimento punk Straight Edge em São Paulo, entre os 16 e 17 anos. Ele começou a ler textos anarquistas e ateístas, com destaque para "Deus e o Estado" de Bakunin, que o levaram a desenvolver uma identidade juvenil anarquista e se posicionar como um ateu militante. Para ele, o ateísmo não era apenas uma questão filosófica ou histórica, mas uma forma de contestação social:

Eu comecei a entrar dentro de muitas leituras que colocava que nós éramos dominados pelo capitalismo, que nós éramos dominados pelo dinheiro, e que nesse caso também há religiosidade cristã, católico-cristã também, e fazia um componente forte dentro dessa dominação social e religiosa (SOUSA, 2023).

No entanto, temos um relato impactante sobre a ruptura com a crença religiosa com a entrevistada Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade. De acordo com ela, aos 16 anos de idade começou a questionar a existência de Deus devido a um caso de violência sexual que sofreu de uma pessoa próxima. Ela expressou sua perplexidade, uma vez que sempre havia sido uma fiel frequentadora da igreja e seguido os preceitos religiosos rigorosamente. Ela se perguntou por que Deus não a protegeu naquela situação. Esse episódio levou-a a abandonar a igreja evangélica e a se afastar da religião, devido à percepção de hipocrisia por parte dos membros da igreja. Ela notou também que, enquanto muitos louvavam a Deus e Jesus, havia comportamentos contraditórios entre os membros, como um missionário que traía a esposa e tinha filhos fora do casamento, e o tesoureiro da igreja envolvido em desvio de dinheiro (TRINDADE, 2023).

Em decorrência dessas experiências, Ana desenvolveu uma profunda raiva e passou a questionar a existência de Deus, e um resultado foi ela se identificar como ateia: “Eu ficava questionando a existência de Deus e me considerei ateia dos 16 para os 17. Eu fiquei com essa raiva, foi criando uma raiva, uma raiva dentro de mim que eu não sei explicar” (TRINDADE, 2023).

Os relatos apresentados evidenciam diversas trajetórias dos/a entrevistados/a que passaram por experiências marcantes e questionamentos com a sua ruptura religiosa. Conclui-se, portanto, que cada jornada é única e influenciada por experiências pessoais, questionamentos filosóficos, leituras e influências do ambiente ao redor. As histórias mostram como os indivíduos buscaram respostas para suas dúvidas e acabaram se identificando com a posição ateísta como mais plausível para dirimir os questionamentos que tinham.

Ao comentarem sobre a reação familiar com a identidade ateísta, os/a entrevistados/a afirmaram que a família aceitou abertamente suas visões acerca do ateísmo. Fábio comenta que: “nessa questão familiar foi até mais leve pensando hoje assim, do que eu poderia imaginar assim, atrito zero” (SOUSA, 2023). Paulo cita que: “foi fácil, era justamente por estar em concordância com as coisas que existiam em casa e no meu meio social também, não foi um problema” (CORREA, 2023). Vinícius nos relatou que: “Minha convivência em família não mudou nada, meus pais me indagaram me perguntando se eu tinha certeza e eu respondi que não queria e eles aceitaram e ficou assim tranquilo” (LORENZI, 2023).

Entretanto, houve um entrevistado que relatou certa dificuldade ao se expor como ateu para a família da esposa, pois com a sua família foi algo natural. No caso, aconteceu com o Gabriel:

Quando comecei a namorar com ela, contei que sou ateu, mas a família dela é muito católica. Ela disse que quando contou para a mãe e a irmã, houve surpresa e a mãe tinha uma certa esperança de que eu pudesse deixar de ser ateu. Sentia um desconforto por parte da mãe dela, enquanto o pai era mais tranquilo. Para evitar o desconforto, eu ia à missa com ela por um tempo, mas logo me senti desconfortável por não acreditar e por ter sido criado em uma religião protestante e ficar indo (COSTA, 2023).

Agora, em sequência nós perguntamos aos entrevistados como eles se viam sendo ateus e ateia. O Gabriel nos apresenta, que o foco está na simplicidade do ateísmo como uma resposta diante das incertezas sobre a existência de Deus. Ele cita o argumento da “economia

do pensamento”, sugerindo que é mais racional assumir a inexistência de Deus, dada a falta de conclusões definitivas na discussão teológica:

Não realmente o ateísmo é uma coisa mais simples para questionar [...] eu achei bastante convincente porque achava assim, por mais que a gente não consiga, por mais que essa discussão sobre a existência de Deus não leve assim, a lugar nenhum de uma conclusão definitiva, parece que a gente pode chegar numa conclusão definitiva que é mais simples né, por uma questão de economia do pensamento vamos assumir que Deus não existe já que eu não preciso explicar nada (COSTA, 2023).

Vinicius se sentia desconfortável ao ser obrigado a participar das atividades da igreja, o que gerou ressentimento em relação à instituição religiosa. Sua jornada levou à fase de rebeldia e eventual adoção do ateísmo como uma forma de expressar esse sentimento:

Na minha vida, me sentia deslocado por ter sido criado em um ambiente religioso. Mesmo não gostando, ainda era obrigado a participar dos cultos. Cheguei a odiar a igreja por me sentir forçado a frequentá-la. Passei quatro anos como ateu e tive contato com a igreja evangélica, mas não me tocava. Nessa época, eu era rebelde e me via como um 'bad boy' ateu (LORENZI, 2023)

Fábio nos expôs a influência do movimento punk na adoção do ateísmo, destacando como a subcultura punk forneceu um ambiente propício para a identificação com o ateísmo, por meio de músicas, textos e debates que questionavam as crenças religiosas socialmente predominantes:

Por estar envolvido no movimento punk, o ateísmo se tornou natural para mim. As bandas que eu ouvia, as conversas e textos que lia eram todos ateístas. Eu não me aprofundava em estudos filosóficos, mas sim em textos militantes que pregavam contra o catolicismo. Foi tranquilo para mim assumir essa identidade ateu, pois fazia sentido dentro do grupo em que eu estava (SOUSA, 2023).

Ana Rita descreve sua fase como uma “ateia chata” nas redes sociais, publicando constantemente sobre a não existência de Deus. Ela fazia parte da Liga Humanista Secular do Brasil (LiHS) e procurava por outros/as ateus/ias no Facebook. Sua descrença em Deus estava relacionada à raiva que sentia por eventos pessoais, já citados. Ela entrou no mundo do ateísmo e secularismo através de uma página chamada ATEA:

Eu era aquele ateu chato sabe que fica, ai Deus não existe nas redes sociais e tal, e se você olhar minhas redes sociais de 2013, 2012 e 2011 só era esse tipo de postagem. Então, digo que eu era o ateu Toddynho. Aquele ateu chato... que eu olho para trás e meu Deus que vergonha e isso eu fazia parte liga humanista secular do Brasil LiHS. Fui tipo procurando ateus pelo Facebook quer dizer gente não é possível que só eu seja não acredite em Deus e naquele momento eu sabia que não era que eu não acreditava em Deus, eu tipo, meio que acreditava, mas eu tinha tanta raiva pelo que tinha acontecido comigo que eu disse, então ele não existe, porque ele não me protegeu porque se ele não me proteger porque não me ama se não me ama se não me protegeu, é porque não existe ou é porque não me ama, se ele não ama se não me protegeu o que que eu vou fazer se ele não existe. E aí eu entrei nesse mundo do ateísmo, do secularismo, através da página da ATEA, nem sei se ainda existe essa página que era associação de ateus e de agnósticos (TRINDADE, 2023).

Na fala do Paulo ele nos explana sobre a perspectiva de um professor ateu e sua percepção das reações dos/as alunos/as. Ele destaca a importância do uso da razão e da busca por significado pessoal fora do âmbito religioso:

Eu passei a dar aula, eu vi talvez como os alunos às vezes que se fosse mais novo, podia chocar um pouco, né, em ser ateu. Só que tem o significado e propósito em suas vidas através da contribuição para o bem pessoal do uso da razão, sem a necessidade de orientações religiosas [...]. Mas, eu de forma geral eu posso dizer que foi, acho que foi mais difícil me tornar religioso ou ter alguma coisa do que ser ateu (CORREA, 2023).

No geral, esses relatos destacam diferentes experiências, caminhos e significados que levaram os/a entrevistados/a a abraçarem o ateísmo como visão de mundo significativa para sua vida. Sendo assim, nos revelaram uma variedade de motivações, experiências e influências que levaram os indivíduos a terem o sentido de serem ateístas. Cada história contribui para um entendimento mais abrangente das complexidades envolvidas na formação da identidade ateísta e destaca as diferentes maneiras pelas quais o ateísmo foi adotado e expressado por eles e por ela.

3.3 O RETORNO À FÉ

Neste tópico buscamos explorar as experiências e reflexões dos/a entrevistados/a que passaram por uma jornada de transição da posição de ateísmo para a adesão a uma crença religiosa. As narrativas apresentam um processo de transformação pessoal e espiritual que envolveu uma série de eventos e sentimentos particulares.

Vinicius nos relatou que, após ser convidado por um amigo para participar de um acampamento religioso, decidiu dar uma “última chance para a fé” (LORENZI, 2023). Eis o relato sobre o acampamento:

Eu conheci o Giovani, ele faz parte do grupo de jovens. Ele me fez um convite daqueles acampamentos de uma semana [...] eu falei quer saber vamos dar uma chance, a última chance para a fé [...] e lá eu experimentei momentos espirituais intensos, incluindo sensações de calor nas costas e um sentimento de presença divina. Após reflexões e interações emocionais durante o acampamento, eu estava ali totalmente entregue como um cristão [...]. Foi basicamente assim, que eu encontrei a fé e aí sim eu virei católico que eu comecei a ir na igreja e eu frequentava bastante (LORENZI, 2023).

Após um período se identificando como ateu, Fábio revisitou suas concepções sobre religião e espiritualidade. Ele descreve sua busca por uma religiosidade indefinida e sincrética, na qual ele mistura elementos de diferentes tradições religiosas e cria rituais pessoais:

Minha jornada do ateísmo para a religiosidade refletiu uma mudança nas minhas percepções sobre os outros e o mundo. Inicialmente, via a religião como uma forma de dominação e superioridade. Entretanto, uma leitura equivocada do ateísmo me fez perceber suas limitações. A religiosidade se revelou plural e cheia de dúvidas, enquanto meu ateísmo anterior era inflexível [...]. Hoje, mantenho uma religiosidade vaga e sincrética, com símbolos e rituais que criei para mim mesmo, como uma pulseira com o Pai Nosso, uma tatuagem de Oxossi e um crucifixo. Essa jornada traz paz, mesmo com lampejos de dúvidas ateístas. (SOUSA, 2023)

Ambos os relatos destacam a importância das reflexões pessoais na revisão das crenças espirituais que por um dado momento de suas vidas eles haviam rejeitado. Eles ilustram como as crenças religiosas podem evoluir e se adaptar ao longo do tempo, muitas vezes refletindo uma busca por significado e uma compreensão mais profunda do mundo, para além do papel social exercido pelas instituições religiosas.

O Gabriel nos compartilhou a sua jornada espiritual e religiosa, destacando sua transição do ateísmo e a sua adesão à Igreja Anglicana. Inicia-se com o relato sobre sua entrada na Igreja Anglicana, motivada pelo desejo de encontrar uma comunidade que compartilhasse sua consciência social e valores éticos, bem como oferecesse uma experiência

litúrgica significativa. Ele explora suas pesquisas filosóficas e teológicas, mencionando influências de figuras como Valdenor, Paul Tillich e Rudolf Karl Bultmann:

Atualmente, eu me converti à Igreja Anglicana, principalmente devido à minha busca por uma comunidade com consciência social e uma abordagem menos apavorante em relação à religião. Achei na Igreja Anglicana a combinação de valores que procurava. Minha jornada de fé foi moldada por influências como o filósofo Valdenor e o pensador Paul Tillich, que tinham visões naturalistas de Deus. Passei por uma evolução intelectual e cheguei à conclusão de que, mesmo se o naturalismo for verdadeiro e milagres não ocorram, a experiência religiosa ainda é relevante [...]. Retornei ao cristianismo devido à convicção existencialista de pensadores como Rudolf Karl Bultmann e Paul Tillich [...]. Prefiro igrejas menores e inclusivas, o que me levou à Igreja Anglicana, onde estou frequentando uma célula que em breve se tornará uma igreja oficial. Essa escolha reflete minha identificação com seus valores igualitários e direitos humanos [...]. Estou prestes a fazer minha pública confissão de fé para me tornar oficialmente um anglicano (COSTA, 2023).

Paulo nos expôs que por meio de momentos difíceis de sua vida e como suas experiências psicodélicas, em especial o chá de ayahuasca, o levaram a transcender suas visões anteriores sobre a espiritualidade e o ateísmo. Suas reflexões e as transformações interiores resultantes o levaram a reconsiderar sua crença e a aceitar a possibilidade de algo além da dimensão material, marcando um momento significativo em sua evolução pessoal e espiritual:

Aos 39 para 40 anos, durante uma fase difícil após divórcio de um casamento de 15 anos, busquei experiências psicológicas, incluindo o uso de ayahuasca, um chá psicodélico. Inicialmente cético em relação a aspectos religiosos, tive uma experiência marcante com a ayahuasca que me levou a reflexões transcendentais. Frequentando sessões subsequentes, a reflexão persistiu mesmo sem os efeitos da substância. Isso levou a uma introspecção profunda, culminando em dezembro de 2018, quando reconheci uma transformação espiritual significativa e a cisão com meu ateísmo (CORREA, 2023).

A história impactante de Ana Rita foi marcada por desafios de saúde e experiências traumáticas que a levaram a buscar por respostas espirituais. O resultado foi a conversão ao Islã:

Eu tive um problema de saúde muito sério precisei ficar internada precisei receber transfusão de sangue [...] e lá vi as pessoas que tava com a Bíblia, com um terço, com um livro espírita [...] comecei a perceber que a fé era como um apoio e aí eu comecei a analisar a situação de uma forma diferente [...] em 2012 de fato eu comecei a ler sobre três religiões específicas o Islã, o Hinduísmo e tem uma outra terceira que é o budismo [...] eu comecei a deixar de lado o budismo porque é muito sabe muito fantasioso [...] eu ganhei um livro chamado “Mulheres no Islã” [...]

descobri que lá as mulheres têm muitos direitos só que a gente não vê isso [...] quando foi em 2019 para 2020 fui para Salvador para passar virada [...] aí um cara assaltou a gente, tava tudo de valor lá dentro de uma bolsa [...] e o cara colocou a arma na minha cabeça e tentou atirar três vezes, a terceira vez eu só pensava assim, eu vou para o inferno, e naquele momento que o assaltante simplesmente me chamou de bruxa porque não estava funcionando e ele deixou a gente lá, eu me joguei no chão eu comecei a chorar e eu só comecei a falar lâh 'ilaha 'illâl-lâh foi a única frase que saiu da boca, significa literalmente não há Deus além de Deus [...] em 2020 eu disse vou me converter eu quero entrar para o Islã eu tô buscando paz no meu coração, eu tive uma prova de que Deus cuida de mim (TRINDADE, 2023).

Os relatos apresentados abordam experiências de transição religiosa e espiritual dos entrevistados e da entrevistada, mostrando suas jornadas pessoais de reflexão, questionamento e busca por um sentido existencial religioso. Cada relato revela a complexidade e a singularidade das trajetórias de vida, refletindo as mudanças nas crenças, valores e perspectivas ao longo do tempo.

Após as experiências de trânsito religioso que resultaram no retorno à fé por parte dos entrevistados e entrevistada, há uma avaliação sobre o que é o ateísmo. No caso do Paulo, ele cita que consegue compreender o ateísmo hoje mais como uma visão política: “Hoje eu vejo eu acho que o ateísmo para mim e minha família eu acho que para muitos também, dos meus amigos mais como uma posição política e que eu acho que como a posição política deve ser respeitada e acabou” (CORREA, 2023).

Fábio Sousa destaca a importância de uma abordagem filosófica ao ateísmo. Ele também discute a relação do ateísmo com o contexto político e social, especialmente quando a religião é usada para influenciar políticas. Ele ressalta que o ateísmo pode ser uma experiência enriquecedora e que todos deveriam pelo menos ter uma experiência de ser ateu em algum momento da vida:

Acho interessante e essencial adotar uma abordagem filosófica ao ateísmo. Percebo que ainda carrego vestígios das opiniões que tinha quando era mais jovem, algo que também vejo nas discussões online. Muitos ateus se veem como esclarecidos, mas isso muitas vezes está relacionado ao contexto social em que a religião e a política se entrelaçam. O ateísmo se torna crucial quando observamos tentativas de influenciar políticas usando argumentos religiosos para controlar questões como o aborto. Assim, acredito que o ateísmo é necessário e pode ser uma experiência enriquecedora para todos. Ele desafia a mente e estimula questionamentos. No meu caso, o questionamento foi tão profundo que até retornei a ele temporariamente. Portanto, é fundamental superar a ideia de que todos os ateus são anticlericais e focar na dimensão política e social do ateísmo. Acredito que todos devem experimentar o ateísmo pelo menos uma vez na vida (SOUSA, 2023).

Gabriel Costa enfatiza o respeito pelo ateísmo e o considera uma posição válida e coerente. Ele reconhece a importância do pensamento filosófico tanto no ateísmo quanto no teísmo e valoriza a coexistência de diferentes pontos de vista. Costa também observa que o ateísmo pode ter diferentes manifestações, desde o ateísmo de senso comum até o ateísmo filosófico:

Tenho grande respeito pela perspectiva ateísta, especialmente quando considero a abordagem filosófica e intelectual dos argumentos que são discutidos e produzidos. Reconheço o valor dessas visões, não é uma questão de discordar e rotular negativamente, mas sim de entender que há uma base respeitável de pensamento. Da mesma forma que eu já considerei a posição teísta como intelectualmente respeitável quando eu estava no ateísmo. Sob essa perspectiva filosófica, vejo o ateísmo como uma posição respeitável. Ao considerar o senso comum, é como enxergo o teísmo e o ateísmo do cotidiano. Ambas são posições respeitáveis, seja alguém que frequenta a igreja por anos sem questionar a existência de Deus, ou alguém que tenha passado pela mesma jornada, indo da religião para o ateísmo (COSTA, 2023).

Ana descreve o ateísmo como uma posição respeitável, especialmente no que diz respeito à rejeição da hipocrisia religiosa. Ela enfatiza que os/as ateus/ias podem ser pessoas boas e altruístas, assim como os/as religiosos/as, e observa que eles/a muitas vezes têm uma visão clara do bem e do mal:

Hoje, vejo o ateísmo como uma perspectiva que nem sempre compreendo completamente, mas que não define alguém como bom ou ruim [...]. Tenho conhecido ateus que são pessoas incríveis e admiráveis, enquanto também já encontrei religiosos hipócritas e prejudiciais. Para mim, os ateus são frequentemente indivíduos com convicções sólidas, muitas vezes desgostam da hipocrisia presente em algumas religiões [...] Vejo os ateus como pessoas coerentes com suas crenças, independentemente de acreditarem ou não em Deus. Para mim, a maioria dos ateus são pessoas que seguem uma lógica interna e são coesas em suas crenças ou descrenças (TRINDADE, 2023).

Vinícius menciona que passou por diferentes fases de descrença e crença ao longo dos anos e destaca que o ateísmo é uma escolha de não ter fé. Lorenzi ressalta a importância de respeitar as crenças e descrenças das pessoas, independentemente de estarem associadas ao ateísmo ou à religião:

Não sei se minha perspectiva mudou com o tempo, mas aos 22 anos, passei pelo ateísmo aos 14, voltei à fé aos 18 e recentemente saí do ateísmo [...]. Percebi que a fé não precisa ser reprimida; se não me incomodava, eu não incomodaria os outros [...] O ateísmo nada mais é que uma opção de descrença na fé (LORENZI, 2023).

Portanto, os depoimentos refletem diferentes perspectivas e nuances no entendimento do ateísmo. Há uma variedade de motivos para adotar ou rejeitar o ateísmo, incluindo considerações filosóficas, políticas e pessoais. O respeito mútuo é uma característica presente em todos os depoimentos, com os/a entrevistados/a valorizando a coerência nas crenças e destacando a importância de não generalizar ou estereotipar ateus/ias ou religiosos/as. As experiências pessoais também são centrais, com alguns/a entrevistados/a enfatizando a busca pela paz interior, a análise crítica das crenças e a conexão com uma comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas Considerações Finais desta monografia, é importante ressaltar a relevância e as principais conclusões resultantes da pesquisa sobre a mutabilidade identitária do ateísmo à fé, focalizando nos relatos pessoais dos/a entrevistados/a. Ao longo deste trabalho, exploramos os diferentes aspectos históricos, sociais e individuais que moldam as trajetórias religiosas no Brasil, desde o período colonial até os dias atuais.

Uma das conclusões que emergem é a complexidade das mudanças no cenário religioso brasileiro ao longo dos séculos. Desde o início da colonização, a influência da religião moldou a identidade e a cultura do país, com o catolicismo ocupando uma posição dominante e influente. A imposição religiosa durante o período colonial e a posterior relação entre Estado e Igreja Católica tiveram um impacto duradouro na sociedade e no perfil religioso do Brasil.

Ao analisarmos o fenômeno do ateísmo no Brasil contemporâneo, observamos uma dinâmica em evolução. O crescente número de ateus/ias e a visibilidade proporcionada pelas redes sociais e associações ateístas refletem uma mudança na percepção pública do ateísmo. A categoria de "sem religião" engloba uma diversidade de visões e experiências, desde a ausência de crença em Deus até a rejeição de instituições religiosas. Essa diversificação do cenário religioso brasileiro destaca a importância da compreensão e do respeito pelas diferentes perspectivas.

Os relatos pessoais dos/a entrevistados/a acrescentam profundidade e contexto à pesquisa. Cada trajetória é única, marcada por influências familiares, questionamentos filosóficos, experiências traumáticas e busca por significado. Esses relatos destacam a fluidez da identidade e a capacidade humana de se engajar em reflexões e transformações profundas ao longo da vida. A análise das entrevistas revelou que a transição religiosa é influenciada por múltiplos fatores, desde interações sociais até experiências pessoais, levando a uma reavaliação das crenças e valores.

As perspectivas dos/a entrevistados/a em relação ao ateísmo variam, destacando a importância de reconhecer a diversidade de pontos de vista e evitar estereótipos. Além disso,

o respeito mútuo entre diferentes posições religiosas e ateias é uma constante em todas as narrativas, enfatizando a coexistência e a valorização da liberdade de crença.

Portanto, esta pesquisa contribui para um entendimento mais amplo da dinâmica religiosa no Brasil, em especial um aspecto pouco usual na historiografia sobre o tema: ex-ateístas como parte do fenômeno do trânsito religioso. Os relatos pessoais dos/a entrevistados/a adicionam uma dimensão qualitativa e individual às análises, destacando a complexidade das jornadas religiosas e a importância da autonomia na busca por significado. A pesquisa também aponta para a necessidade contínua de diálogo e respeito entre diferentes perspectivas religiosas e não religiosas, promovendo uma sociedade mais inclusiva e compreensiva.

RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS/A

Fábio da Silva Sousa, 42 anos, nasceu em São Paulo/SP. Foi entrevistado à distância em uma conexão entre Nova Andradina/MS (entrevistador) e Campo Grande/MS (entrevistado) no dia 27 de junho de 2023. Tempo de entrevista: 35 minutos. Total de páginas transcritas da entrevista: 10 páginas.

Gabriel Filipe Brasileiro Costa, 26 anos, nasceu em Fortaleza/CE. Foi entrevistado à distância em uma conexão entre Nova Andradina/MS (entrevistador) e Fortaleza/CE (entrevistado) no dia 14 de junho de 2023. Tempo de entrevista: 46 minutos. Total de páginas transcritas da entrevista: 15 páginas.

Vinícius Gabriel Lorenzi, 22 anos, nasceu em Canoinhas/SC. Foi entrevistado presencialmente no Campus de Nova Andradina da Universidade Federal no dia 02 de maio de 2023. Tempo de entrevista: 48 minutos. Total de páginas transcritas da entrevista: 11 páginas.

Paulo Gustavo Pellegrino Correa, 44 anos, nasceu em São Paulo/SP. Foi entrevistado à distância em uma conexão entre Nova Andradina/MS (entrevistador) e Belém/PA (entrevistado) no dia 30 de maio de 2023. Tempo de entrevista: 25 minutos. Total de páginas transcritas da entrevista: 7 páginas.

Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade, 31 anos, nasceu em Manaus/AM. Foi entrevistado à distância em uma conexão entre Nova Andradina/MS (entrevistador) e Cairo/Egito (entrevistado) no dia 03 de julho de 2023. Tempo de entrevista: 1:35 h/min. Total de páginas transcritas da entrevista: 19 páginas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ALMEIDA, Ronaldo de e MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. In: **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 3, p. 92-101, 2001.
- AQUINO, Maurício de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). In: **Revista Brasileira de História**, vol. 32, nº 63, p. 143-170, 2012.
- BAGGINI, Julian. **Ateísmo**: uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil** (1824). Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em: 29 ago.2023.
- CAMURÇA, Marcelo. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em Movimento**: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013, p.63-87.
- COELHO, C. M.; ROMERA, Edison. Reação católica e “questão religiosa” no Brasil Republicano. In: **Estudos de Religião**, v. 30, p. 111-128, 2016.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- GRACINO JUNIOR, Paulo. “A visão aérea e a do nadador”: reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010. In: **Horizonte** - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 10, n. 28, p. 1154-1183, 2012.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LACOMBE, Américo Jacobina. A Igreja no Brasil colonial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. (dir). **História geral da civilização brasileira**. Tomo I. A época colonial. Vol. 2: administração, economia, sociedade. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 61-88.

MEZADRI, FERNANDO. Trajetórias para a formação na identidade ateuista. In: MEZADRI, Fernando, REIS, Marcos Vinicius de Freitas, SILVA, Ricardo Oliveira da (orgs.). **Ateísmos, descrenças religiosas e secularismo**: história, tendências e comportamentos. Rio Branco: Nepan Editora, 2022. p. 93–107.

NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Padroado e Regalismo no Brasil Independente. In: **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013, p. 1-23.

SILVA, Ricardo Oliveira da. **O ateísmo no Brasil**: Os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.